

# METROPOLIS



**MELHORES  
2018**  
FILMES SÉRIES  
E ANIMAÇÃO

**AQUAMAN**  
**BUMBLEBEE**  
CREED 2  
VOX LUX  
ALFONSO CUARÓN  
PARQUE MAYER  
FESTIVAL DO RIO

# 65

## METROPOLIS

86 **FESTIVAL DO RIO**

92 **ALFONSO CUARON**

96 **A ALEGRIA DA CAVERNA**

98 **PEDRO E INÊS**

ENTREVISTA ANTÓNIO FERREIRA  
ENTREVISTA JOANA DE VERONA

110 **SUSPIRIA**

ENTREVISTA LUCA GUADAGNINO

113 **PARQUE MAYER**

ENTREVISTA ANTÓNIO-PEDRO VASCONCELOS  
ENTREVISTA TIAGO R. SANTOS

126 **ATÉ QUE O PORNO NOS SEPRE**

ENTREVISTA JORGE PELICANO

134 **SEDUÇÃO DA CARNE**

ENTREVISTA JULIO BRESSANE

138 **VOX LUX**

ENTREVISTA BRANDY CORBET

144 **EMILY BLUNT**

148 **CREED 2**

ENTREVISTA STEVEN CAPLE

152 **RALPH BREAKS THE INTERNET**

ENTREVISTA CARLA GARCIA  
E PEDRO LAGINHA

### ZAPPING

MR MERCEDES 156

### CRÍTICAS

O GRANDE CIRCO MÍSTICO 163

MONSTROS FANTÁSTICOS 164

E OS CRIMES DE GRINDERWALD .

BEAUTIFUL BOY 165

ROMA 167

A EDUCADORE DE INFÂNCIA 168

A ÁRVORE DA DISCÓRDIA 169

ESTRELAS 171

### MELHORES'18

6 PLANOS DO ANO

14 A MELHOR ACTRIZ

16 O MELHOR ACTOR

18 A REVELAÇÃO

20 O MELHOR REALIZADOR

22 O MELHOR FILME

24 TOP 10 FILMES

44 TOP 10 SÉRIES

58 O MELHOR DO BRASIL

60 AS MELHORES ANIMAÇÕES

66 IN MEMORIAN



## PEDRO E INÊS

Ao bater a marca dos 45.485 espectadores, a longa-metragem «Pedro e Inês», realizada por António Ferreira, é o filme português mais visto de 2018, até ao momento. A adaptação do romance "A Trança de Inês", de Rosa Lobato de Faria, estreou em outubro e é protagonizado por Diogo Amaral e Joana de Verona, suportados por Miguel Borges, Custódia Galego, João Lagarto e Vera Kolodzig. A Metropolis entrevistou o realizador de Coimbra e a protagonista, agora que o filme atingiu a categoria do mais visto nas salas nacionais e antes de progredir o seu caminho nos cinemas do Brasil e França, países coprodutores do filme.

**SARA AFONSO**

Pedro e Inês não conseguem resistir à paixão que parece entranhar-se cada vez que se avistam. Este amor, que parece não conhecer fronteiras ou tempos, acontece através de três épocas: Idade Média, onde tudo aconteceu originalmente, no tempo atual, no qual Pedro e Inês são arquitetos numa grande cidade, e num futuro

distópico, imaginado no campo, para onde as pessoas são obrigadas a fugir para sobreviverem. Levando-nos pelos contornos da lenda de Pedro e Inês, o filme segue os escritos de Rosa Lobato de Faria no seu romance "A Trança de Inês" e todos os cenários nos transportam para aquela que foi certamente a mais ilustre história de amor portuguesa.



As filmagens aconteceram no verão de 2017, em quatro concelhos do distrito de Coimbra (Cantanhede, Montemor-o-Velho, Lousã e Coimbra), terra do realizador António Ferreira, que vive atualmente no Brasil. Com assinatura da produtora Persona Non Grata Pictures, fundada em 1999 pelo próprio António Ferreira e Tathiani Sacilotto, «Pedro e Inês» teve a sua

estreia mundial na competição do Festival de Montreal, tendo já passado pelas competições da Mostra Internacional de Cinema de São Paulo, Festival do Rio e no Festival Caminhos do Cinema Português, que decorreu em novembro.

António Ferreira estreou-se em 2000, no Festival de Cannes, com a média-

metragem «Respirar debaixo d'água», seguindo-se «Esquece tudo o que te disse», em 2002, e «Embargo», na adaptação do conto homónimo de José Saramago, em 2010. «Pedro e Inês» é a sua terceira longa-metragem e antes de a estrear no Brasil e em França, a Metropolis falou com o realizador coimbreense.



## PEDRO E INÊS

**ANTÓNIO  
FERREIRA**  
REALIZADOR

ENTREVISTA  
SARA AFONSO

**Nasceu em Coimbra e cresceu familiarizado com a história de Pedro e Inês. Mas a possibilidade de fazer este filme surgiu apenas depois de ter contacto com o livro de Rosa Lobato de Faria ou, em algum momento da sua vida, teve vontade de trazer uma história de amor como esta para um argumento?**

Como alguém de Coimbra onde esta história está literalmente presente nos quatro cantos da cidade, tinha até algum enfado por esta história – é o vinho

Pedro e Inês, o pão Pedro e Inês, a ponte Pedro e Inês... Foi exatamente o livro da Rosa que me despertou um novo interesse pela história pois era uma abordagem completamente inovadora. Outro aspeto que me interessou foi a qualidade da escrita da Rosa, a poesia que está no livro e que eu quis levar para o filme.

**É um filme bastante exigente do ponto de vista da montagem, uma função que também abraçou. Foi este o seu maior desafio?**

Sim, foi um desafio, mas o maior desafio foi a adaptação do livro para o cinema, pois são meios e linguagens muito diferentes. A



estrutura de montagem que vemos no filme está bastante próxima daquilo que estava no roteiro de filmagem. Quando iniciei a montagem segui rigorosamente o guião e, até para alguma surpresa minha, o entrançamento dos tempos resultou melhor do que esperava.

**As filmagens acontecem em cenários naturais belíssimos e em diversos monumentos. Como foi fazer renascer esta história em pontos fulcrais da nossa História, como o Castelo de Montemor-o-Velho, a Sé de Coimbra ou a Quinta das Lágrimas?**

A rodagem foi outro grande

desafio. Embora não pareça, rodámos com muito pouco dinheiro, enfim, com pouco orçamento para o filme que queríamos fazer, sobretudo na reconstituição da Idade Média, que é sempre complexa do ponto de vista da arte e figurinos. Coimbra e a região envolvente oferecia monumentos absolutamente excepcionais, como a Sé Velha ou o Castelo de Montemor. A Quinta das Lágrimas, que foi onde a história original aconteceu, usámos tanto para cenas da Idade Média como para o presente.

**Durante as filmagens, a própria Joana de Verona confirmou que foi um processo**

**de grande entrega da equipa e elogiou até a abertura do realizador para a contribuição dos atores. Sentiu que foi isso que aconteceu?**

Sem dúvida, esse é o meu processo de trabalho. Eu procuro cercar-me de pessoas da minha inteira confiança, muitas delas, aliás, com quem já tinha trabalhado várias vezes. O ambiente generalizado, apesar do stress, era familiar. Eu dou total liberdade aos chefes de cada departamento, procuro o apoio deles nas decisões e é realmente um trabalho de troca. Só assim nascem ideias inovadoras e se enriquece um filme. O meu trabalho é o equivalente ao de um maestro, só estou ali para assegurar a coerência e rumo que o filme toma, mas depois cada um contribui com o seu talento. Eu mantenho a orquestra afinada.

**Qual foi, então, o momento mais marcante deste projeto?**

Todas as fases têm o seu desafio. Investi muito tempo na escrita do guião pois sem um roteiro bom dificilmente se faz um bom filme. A rodagem é sempre um momento crítico, com muito stress e uma corrida contra o tempo. Sobretudo, temos a noção de que temos que conseguir o melhor material possível na rodagem para depois cozinhar na pós-produção. A montagem é um dos momentos mais gratificantes pois vemos finalmente o filme a tomar forma, vemos o que resulta melhor ou pior, e tento potenciar ao máximo o material que trouxe da rodagem. Como é costume nos meus filmes, investi muito na música original e estive literalmente dois meses fechado no estúdio com o compositor Luís Pedro Madeira, trabalhando minuciosamente cada uma das cenas do filme. Os meus filmes são artesanais, estou absolutamente envolvido em todos os processos.



**O filme estreou no Canadá, passou pelo festival do Rio e por São Paulo. Em Portugal é já o filme português mais visto do ano. Como viveu a pós-estreia e o que gostaria que 2019 trouxesse a este filme?**

O objetivo agora é conseguir estrear o filme em mais países. No Brasil, está confirmado e, em princípio, também em França, que são os dois países coprodutores do filme. Estamos a tentar estrear em Espanha onde existe um interesse por este tema, sobretudo na Galiza, de onde a D. Inês era natural.

**Apesar de ser o filme português mais visto de 2018, muitas vezes a crítica não corresponde**

**à opinião do público. Como tem lidado com a mesma?**

O filme teve reações muito diversas por parte da crítica. Não comento críticas e estou perfeitamente consciente de que nunca se agrada a toda a gente, mas fico contente que se tenha escrito bastante sobre o filme. Chegámos a filme português mais visto do ano, o que me deixa particularmente feliz. Nas sessões onde estive presente, tive pessoas muito emocionadas a virem falar comigo no final e essa é a maior recompensa de todas – o carinho do público. Quando mostrámos o filme à família da Rosa Lobato de Faria recebi um abraço deles muito emocionado. Fiquei muito feliz.

**Nascido em Portugal, viveu depois em Berlim e agora está no Brasil. São diversas as realidades por onde tem passado. De que forma isso tem influenciado o seu trabalho?**

A influência é total. Nós somos aquilo que vivemos, que fazemos, que nos rodeia. Um dos aspetos mais importantes de viajar é fazer-nos constantemente questionar os nossos valores, o que pensamos das coisas, sobretudo, quando se vive num país estrangeiro onde somos pressionados a inserirmo-nos numa cultura diferente da nossa. Sinto, por exemplo, que morar fora me ajuda a olhar para



Portugal de forma diferente, com distanciamento, valorizando coisas às quais antes se calhar não dava valor, ou, pelo contrário, desapegar-me de certos aspetos mesquinhos de uma certa portugalidade.

**Para o futuro, que projetos se seguirão? O que pode dizer sobre «A Bela América»?**

Estou a trabalhar em vários projetos. Tenho neste momento um guião escrito a pensar na realidade brasileira e para ser rodado no Brasil, e estou a escrever uma nova história a pensar no contexto português – um filme sobre a vida na era digital e nas bolhas em que

vivemos. «A Bela América» é um projeto que está escrito desde 2003, logo depois do «Esquece Tudo O Que Te Disse» e é um projeto pelo qual tenho muito carinho e que continuo a desenvolver, mas não sei se será o próximo.

**Por fim, e após um filme que esperou 10 anos para concretizar, é uma pessoa diferente depois de «Pedro e Inês»?**

Como cineasta, obviamente que vou mudando ao longo do tempo. Aliás, quando soube, em 2015, que finalmente tínhamos conseguido financiar o filme, o meu primeiro impulso foi voltar

a reescrever o guião, que alterei profundamente em relação às versões anteriores. A nossa visão do mundo vai mudando com a idade e isso obviamente muda a forma como faço filmes.

**Nos tempos que correm, e sem chegarmos ao futuro distópico, será que ainda existem amores como este?**

O amor é intemporal e provavelmente um dos aspetos mais essenciais do ser humano. Por amor somos capazes das maiores loucuras. Claro que a forma como o demonstramos ou até o vivemos, varia conforme as épocas mas a sua força é intemporal e um dos motores mais poderosos da Humanidade.



## PEDRO E INÊS

Joana de Verona iniciou o seu caminho na interpretação ainda muito jovem no teatro, aos 8 anos, quando vivia no Alentejo. A dança também começava a fazer parte da sua formação equando foi para o Brasil conseguiu conciliar as duas. Foi também no “país irmão” que ingressou no pequeno ecrã, numa participação na minissérie da TV Globo

«Presença de Anita, em 2000/2001. De volta a Portugal, entrou para o Chapitô e foi na série «Morangos com Açúcar», que deu os primeiros passos em televisão. Agora, dezoito anos passados, o seu currículo e palmarés ganharam diversas linhas, não só na televisão, mas também no cinema e no teatro. São estas as três áreas que preenchem o seu coração



e é neste trabalho que espera poder continuar a crescer e a ganhar papéis de intensidade artística e inspiração proporcional. Depois da participação no premiado thriller psicológico da realizadora brasileira Lúcia Murat, «Praça Paris», um filme sobre o medo, a violência que se vive no Brasil e, sobretudo, a paranoia para a qual o

medo muitas vezes nos transporta, e no qual desempenha o papel da psicanalista Camila, Joana de Verona é igualmente a protagonista do filme de António Ferreira, no papel de Inês de Castro, o grande amor de D. Pedro, durante as três fases temporais do filme. Dias depois de ver a novela que protagonizou em 2016/2017, «Ouro Verde», conquistar

o galardão de Melhor Novela pelos prémios International Emmy Awards, e entre filmagens da novela «Valor da Vida», a atriz e realizadora luso-brasileira partilhou com a Metropolis algumas das emoções, esperanças e ensinamentos que tem vivenciado, além das novidades sobre o futuro que a aguarda e que se avizinha ser brilhante. **SARA AFONSO**



## PEDRO E INÊS

**JOANA  
VERONA**  
ACTRIZ

**SARA AFONSO** **Começando pelo filme «Pedro e Inês», referiu que estava curiosa para vê-lo depois da montagem. Agora que já estreou, gostou do filme? Superou as expectativas?**

**JOANA VERONA** Gosto muito do filme, sim. É uma obra que se destaca pela sua realização e direção de fotografia, que assim como pela história em que se baseia, que tem tanto de belo como de trágico. Acho que é um trabalho lindíssimo, e há que destacar também a direção de arte e banda sonora.

**Até ao momento, é o filme português mais visto do ano? O que pensa sobre isso?**

Fiquei muito feliz pela excelente

recetividade do público. Muitas pessoas foram ao cinema mais do que uma vez, e isso significa que foi um filme que as marcou. Claro que fico muito orgulhosa do trabalho feito com imensa dedicação por todos os sectores, e muito feliz por ter sido uma história que não passou indiferente ao público.

**Em relação a «Praça Paris», como foi fazer parte deste projeto de Lucia Murat? O medo é, realmente, algo que pode salvar-nos a vida, mas pode também toldar-nos a visão e ser o grande impulsionador no sentido oposto, não é?**

Sim, foi uma experiência intensa



filmar o «Praça Paris», seja pela história que contamos, seja pelo processo de ensaios e rodagem vividos no Rio de Janeiro. O medo existe e bloqueia-nos, cria-nos paranoias e inibe muito a minha personagem Camila. É precisamente nesse estado que ela se encontra. Infelizmente, é um sentimento real e quotidiano no país, na cidade.

**Esteve nomeada para Melhor Atriz, no Festival do Rio, por esse papel, ao lado da colega de cena, Grace Passô. Como viveu esse momento?**

Foi um momento feliz e muito especial, até porque a Lucia Murat [realizadora] ganhou o prémio

de Melhor Filme, e o galardão de Melhor Atriz foi atribuído à Grace Passô, de quem fiquei muito próxima e que é uma mulher e intérprete absolutamente inspiradora. A equipa estava em peso no festival, isto porque as manifestações artísticas têm o poder de criar laços, desenvolver afetos e juntar as pessoas, de ligá-las. Esse momento também serviu para isso entre nós, equipa, e entre nós e o público.

**Em agosto, quando falámos a última vez, dizia que não poderia avançar muitos pormenores sobre o próximo projeto, mas agora já se pode falar da participação na série**

**da HBO, sobre a vida de Santos Dumont?**

Sim, trata-se de da série «Mais Leve que o Ar», com realização de Estevão Ciavatta e Fernando Acquarone. É uma série de época sobre a vida do inventor brasileiro Santos Dumont, filmada pela produtora Pindorama Filmes para a HBO Brasil. A série vai estreiar no início de 2019 e eu sou a Almerinda, alguém que existiu de facto e que era esposa de Nuno, o grande amigo de Santos Dumont. A minha personagem é emigrante em Paris no período pré Primeira Grande Guerra, e ela vai atravessando o tempo em diversas épocas. Faz parte da classe operária, tem um carácter bastante forte e assertivo, e a função dramática manifesta-se através dos alertas receosos que faz ao marido, alertando-o para os possíveis riscos de ele embarcar na ambição de Santos Dumont aquando da construção dos primeiros balões dirigíveis com motor a gasolina.

**Em televisão também, venceu recentemente um Emmy, em conjunto com a equipa da novela «Ouro Verde». Em que plano coloca a novela e o cinema na sua vida? Algum se sobrepõe ao outro (no seu coração)?**

O Emmy foi um reconhecimento do trabalho de uma equipa e espero que o mesmo possa ser motivador para que se progrida nesta área cada vez com maior ousadia e exigência. Claro que o cinema é algo que me acompanha há mais tempo e no qual trabalho com mais frequência. Olhando para trás, tenho a grande felicidade e privilégio de existir no cinema e crescer com este trabalho há 14 anos. É metade da minha vida e isso é algo muito bonito. Ainda hoje pensava na forma como algumas situações vividas



por mim no desenvolvimento de personagens em alguns filmes e também no teatro, e neste exercício de me colocar na vivência dessas mesmas personagens e nos seus contextos, e como isso me influencia enquanto pessoa. Mas os trabalhos não têm que se sobrepôr, pois todas as experiências nos formam enquanto profissionais. Gosto

que as propostas criativas sejam diferenciadas e enriquecedoras. Cabe-nos a nós dedicarmos-nos realmente, independentemente de qual seja o veículo, pois, no final, é sempre do nosso trabalho que se trata, e é sobre ele que empregamos o nosso empenho e exigência. O que faz mais sentido, a meu ver, é tirar a melhor aprendizagem de tudo.

**Nesse sentido, tem feito imensa formação como atriz, domina diversas línguas, já trabalhou com grandes nomes da realização e já alcançou vários prêmios. Em que fase da sua vida e da sua carreira considera que se encontra neste momento e onde é que gostaria de estar em 2019?**  
Encontro-me num lugar em que



© FOTOGRAFIA DE TIAGO CRAVIDÃO

me sinto feliz e bastante grata com o facto de o meu trabalho e dos criadores incríveis com os quais tenho tido a sorte de me cruzar artisticamente serem absolutamente cruciais para a minha formação e desenvolvimento enquanto pessoa e intérprete. Considero que é um momento apropriado para refletir, pois gostava de desenvolver tanto

a formação na área do movimento, como conceber projetos meus, além de querer voltar à realização de documentários.

**Então, se aparecesse o génio da lâmpada e lhe concedesse três desejos para 2019, quais seriam?**

Hummm, bela pergunta. Chegar ao fim do próximo ano

profissionalmente realizada. [Risos] Esta resposta resolve a pergunta no seu todo e assim já estão respondidos os outros desejos...!?![Risos]. Acho que o desejo é poder continuar a fazer o que amo, de uma forma desafiante e onde possa crescer. Transformar-me através do trabalho e dos encontros artísticos. E mais teatro.